

RELAÇÃO GRAFEMÁTICO-FONÉTICA EM TEXTOS NÃO LITERÁRIOS DO SÉCULO XVI

Célia Marques Telles*

RESUMO: *Na perspectiva da estreita relação entre o estudo das mudanças lingüísticas e o comportamento conservador adotado na edição de textos, busca-se mostrar como uma lição conservadora permite detectar nos textos de scripta de caráter fonetizante elementos que possibilitam a análise fonético-fonológica da língua documentada naquele texto. Delimitar-se-á o enfoque a textos não literários da língua portuguesa dos quinhentos. A scripta dos textos da literatura de viagens apresenta caráter preponderantemente fonético, podendo, desse modo, demonstrar a relação grafemático-fonético de maneira clara e objetiva. A partir dos dados analisados na scripta dos roteiros da Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia (ms. FP 56 da BNP) tem-se examinado a scripta de outros textos da literatura de viagens. Tomam-se duas classes de fonemas para documentar o que se pretende mostrar: a série das vogais nasais e a série das consoantes africadas. Por outro lado, nos textos de finais do século XVI a scripta já permite que se observem tanto a consolidação do sistema das vogais nasais como as mudanças que atingiram o sistema consonântico. Verifica-se que o resultado de textos datados de fins do século XV e da primeira metade do século XVI não é muito diferenciado.*

PALAVRAS-CHAVE: *Português quinhentista; análise grafemático-fonética; literatura de viagens.*

* Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Introdução

Em primeiro lugar é necessário lembrar que somente edições críticas elaboradas com critérios de caráter conservador permitem que se possam fazer estudos a partir da *scripta* do texto. Isto sem considerar o tracejamento dos caracteres grafemáticos que somente podem ser reproduzidos com o auxílio da tecnologia fotomecânica do documento – qualquer que ela seja.

Se até os anos setenta predominavam nas edições críticas as leituras de tendência modernizadora na “reconstituição” do que seria o texto autêntico do autor, a partir de então, cada vez mais as edições buscam, por meio de uma lição conservadora, preservar o caráter original das variantes textuais, em especial aquelas de caráter grafemático. Mas esse comportamento não é assim tão recente, pois vamos vê-lo na década de 1940 nos critérios tomados por Joseph Piel, nas edições do *Leal Conselheiro* (Piel, 1942), do *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela* (Piel, 1986) e de *A demanda do Santo Graal* (Piel, 1988). Esse comportamento crítico de Joseph Piel tem sido chamado de “leitura sobriamente conservadora” (Castro, 1986). Na sua grande maioria – como atestam os critérios preconizados para textos portugueses, medievais ou quinhentistas – as edições geralmente tendem para uma modernização do texto (Boléo, 1946: 70-2; 121-2; Silva Neto, 1956: 23-5; Silva Neto, 1957: 335-6; Silva Neto, 1947: 195-6; Castro et al.; 1973: 417-25; Cintra, 1984: 14-20; Révah, 1983: xxii-xxiii). Nessa perspectiva, são as chamadas edições diplomáticas, diplomático-interpretativas ou semidiplomáticas as que oferecem o melhor texto para a análise lingüística.

Uma leitura de dois artigos de Giuseppe Tavani – *Le Texte: son importance, son intangibilité* (1988a: 23-4) e *Teoría y metodología de la edición crítica* (1988b: 35-51) – traz à baila algumas das suas reflexões:

1. o fato de que o problema do texto é um dos mais complicados da filologia textual e de que os filólogos se mostram cada vez

mais céticos a propósito da possibilidade real de atingir um texto, chegando a questionar o próprio conceito de texto (Tavani, 1988a: 27);

2. a constatação de que cada texto é um produto histórico, no qual se refletem a situação pessoal do autor, a sua concepção de mundo, seus conflitos sócio-econômicos, suas experiências existenciais, seus conhecimentos teóricos e práticos, o grau de sua adesão a todas as convenções do seu tempo e a coletividade a que pertence (Tavani, 1988b: 35);
3. a observação de que para ler corretamente um texto é necessário restabelecê-lo em sua forma arquetípica e em seu contexto histórico (aí entendidos o individual, o social, o político, o filosófico, o religioso, o estético-cultural e o cronológico) (Tavani, 1988b: 35);
4. a aceitação, com Gianfranco Contini, de que a edição crítica é uma hipótese de trabalho, um processo ilimitado de aproximação do texto e não um dado firme e definitivo (Tavani, 1988b: 41).

É nessa perspectiva da estreita relação entre o estudo das mudanças lingüísticas e o comportamento conservador adotado na edição de textos que uma *lição conservadora* permite detectar nos textos de *scripta* de caráter fonetizante elementos que possibilitam a análise fonético-fonológica da língua documentada naquele texto.

A partir dos dados analisados na *scripta* dos roteiros da *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia* (ms. FP 56 da BNP) (Telles, 1988) tem-se examinado a *scripta* de outros textos da literatura de viagens e de outros textos não literários dos quinhentos. A *scripta* dos textos da literatura de viagens apresenta um caráter preponderantemente fonético, podendo, desse modo, demonstrar a relação grafemático-fonética de maneira clara e objetiva. Por outro lado, outros textos quinhentistas, como aquele do *Livro de cozinha*

da *Infanta D. Maria*¹ (Gomes Filho, 1963; Manupella, 1986), mostram a mesma variação, ainda que marcada diferentemente em cada um dos copistas do códice² (Gama, Telles, 1973). Para o momento, tomam-se apenas duas classes de fonemas: a série das vogais nasais e a série das consoantes africadas.

1. A teoria gramatical quinhentista e a descrição das “letras”

É preciso lembrar, em primeiro lugar, recorrendo a uma análise de Eugenio Coseriu sobre a *Gramática da linguagem portuguesa* (Oliveira, 1975) de Fernão de Oliveira, *‘Taal en functionaliteit’ bei Fernão de Oliveira* (Coseriu, 1975) que *letra* se acha empregada por Fernão de Oliveira e por João de Barros não no sentido do alemão *Buchstaben* (port. “letra”), mas englobando tanto o sentido de “figura, sinal”, como o de “pronúnciação” (i. e., “força”, “virtude”, em Fernão de Oliveira) (Coseriu, 1975: 71).

Em sua *Gramática da linguagem portuguesa* (Oliveira, 1975) informa Fernão de Oliveira:

Depois que vimos as divisões das letras e suas partes, saberemos agora o próprio nome de cada uma delas e a semelhança ou parentesco comum que têm entre si, como nos manda Quintiliano no primeiro livro.

[...]

O próprio de cada letra entendemos a particular pronúnciação de cada uma: e o comum chamamos aquela parte da pronúnciação e força em que uma se parece com a outra. E

¹ Utilizam-se a edição diplomática de Antonio Gomes Filho, com reprodução fac-similar dos quatro cadernos de receitas e a excelente edição crítica de Giacinto Manupella, que reproduz as receitas iniciais e finais do códice. Desse modo as duas edições se completam e servem ao nosso objetivo.

² O códice é trabalho de, pelo menos, cinco mãos diferentes.

isto nos manda Quintiliano bem ver, porque nisto consiste o saber ler, e mais que saber ler. E é verdade que, se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua, e cada dia acharemos nela mudança, não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes, porque só mudar uma letra, um acento ou som, e mudar uma de vogal grande a pequena ou de pequena a grande, e assim também de uma consoante dobrada em singela ou, ao contrário, de singela em dobrada, faz ou desfaz muito no significado da língua.

Não menos das figuras das letras nos manda Quintiliano ter muito cârrego, porque elas são como instrumento, o qual, se for duvidoso, porá também em dúvida o efeito. E não imitemos os desvarios de tantas confusões, que assim lhe quero chamar, de letras, como se acostumam, mas sigamos uma certa regra de escrever, e a mais fácil. (Oliveira, 1975: [51-2])

Por sua vez, João de Barros, na *Gramática da língua portuguesa*, adverte:

Lêtera (segundo os Gramáticos) é a mais piquena páрте de qualquér diçám que se pôde escrever, a que os Latinos chamáram nóта e os Gregos caráтер, per cuja valia e poder formámos as palávras. E a ésta formaçám chamam eles primeiros elementos da linguágem: ca bem como do ajuntamento das lêteras ùas com as outras per órdem naturál se entende cada um em sua linguágem pola valia que pôs no seu ABC. Donde as lêteras veéram ter éstas três cousas: nome, figura, poder.

Nome, porque à primeira chamam A, à segunda Bê, à terceira Çê.

Figura, porque se escrevem désta maneira: A, B, C.

Poder, pola valia que cada ùa tem, porque quando achamos ésta lêtera A, já sabemos que tem a sua valia: e per semelhante módo podemos julgár das outras, que em número sam vinte e três, como às dos Latinos de quem às nós recebemos. (Barros, 1971: 295).

E mais adiante:

A primeira e principal regra na nossa ortografia é escrever todas as dições com tantas letras com quantas â[s] pronunciamos, sem poer consoantes ociosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E, dado que a dição seja latina, como ô derivamos a nós e perde sua pureza, logo â devemos escrever ao nosso modo per semelhante exemplo: orthographia é vocabulo grego e os latinos ô escrevem desta maneira atrás e nós ô devemos escrever com estas letras: ortografia, porque com elas ô pronunciamos. (Barros, 1971: 373)

As *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa* de Pêro de Magalhães de Gândavo (Gândavo, 1981) recomendam:

As letras que se costumão muitas vezes trocar hūas por outras, e em que se cometem mais vicios nesta nossa linguagem, são estas que se seguem, conuem o saber, c, s, z, e isto nace de não saberem muitos a differença que ha de hūas às outras na pronunção. [...] Assi que esta e todas as mais letras inuentaram os mesmos Antiguos sapientissimamente, porque cada hu)a tem a forma conforme à natureza e semelhança de sua pronunção. (Gândavo, 1981: 9-10, 14)

Na *Ortografia da língua Portuguesa* (Leão, 1983a) afirma Duarte Nunes do Leão:

Letra he voz simplez, que se nota com hūa figura soo, como a. ou b. E diz-se letra de *lego*, *legis*, & de *iter*, que quer dizer caminho: porque abre caminho ao que lee. Estas letras são mais ou menos, segundo as lingoas: porque segundo suas pronunções hūas teem menos, & outras mais. Mas como nossa lingua Portuguesa na origem & semelhança, seja Latina, teemos em figuras as mesmas letras, que os Latinos teem: posto que tenhamos mais algūas pronunções, que suprimos com as ditas letras: de que adiante faremos menção. (Leão, 1983: 102-3)

Na *Origem da língua portuguesa* (Leão, 1983b), adverte, entretanto:

O inuentor das letras quem quer foi que deuia ser inspirado per Deos considerando bem quantas erão as diferenças das vozes humanas, tantas figuras formou, pelas quaes postas em ordem representou as palavras que queria. E assi não he cada hũa letra senão hũa figura que he retrato da voz, cuja diffinição ja vistes no nosso Trattado da Orthographia da lingoa Portuguesa. De maneira que as letras representão as vozes, & as vozes os pensamentos & conceptos da alma. [...] A difficuldade que os estrangeiros achão na lingoa Portuguesa, porque a não tomão facilmente, não he por a obscuridade das palauras, nem por a aspereza, ou maa conglutinação de letras que todas são Latinas, & mui propinquas aas outras linguas deriuadas da Latina, s. Francesa, Italiana, & Castelhana soamente por seis diphtongos que temos em que intreuem hum *m*. entre duas vogaes que não tem a pronunçiação pura & inteira, mas fica liquido, & sem força sem se pegar aa letra precedente, nem ferir na seguinte, que nós supprimos com hum til. Os diphtongos são estes ão, êe, ij, õo, ùu. que temos communs com os Galegos, cuja lingoa & a nossa era toda quasi hũa. [...] (Leão, 1983b: 82-4)

Os gramáticos portugueses (Oliveira, 1975; Barros, 1971; Gândavo, 1981; Leão, 1983a), assim como os espanhóis (Nebrija, 1992; Villalón, 1971; Valdés, 1972; Jiménez Patón, 1965), assinalam uma relação unívoca grafema/fonema (*som e valor* de cada letra); todos buscam justificar os casos em que não se verifica tal tipo de relação.

É interessante, por outro lado, observar que Fernão de Oliveira descreve os grafemas, assinalando-lhes os traços pertinentes:

Esta letra *a* pequena tem figura de ovo com um escudete diante e a ponta do escudo em baixo, cambada para cima. [...]

Esta letra *e* pequeno tem figura de arco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada, ainda que não amassada. [...]

Desta letra *i* vogal, sua figura é uma haste pequena, alevantada, com um ponto pequeno redondo em cima. [...] (Oliveira, 1975: [52-3])

j consoante tem a haste mais longa que o vogal e tem em cima um pedaço quebrado para trás, e em baixo a ponta do cabo virada também para trás. [...]

Esta letra *y* que chamamos grego tem a figura como *v* consoante, senão que estende a perna para baixo, ficando-lhe a boca para cima [...] (Oliveira, 1975: [56])

A figura desta letra *o* pequeno é redonda toda por inteiro, como um arco de pipa [...] E a figura de *w* grande parece duas faces com um nariz pelo meio ou os dois *oo* juntos ambos [...]

Esta letra *u* vogal [...]. A sua figura é duas hastes alevantadas direitas, mas em baixo são atadas com uma linha que sai de uma delas. (Oliveira, 1975: [53])

Esta letra *c* com outro debaixo de si virado para cima, nesta forma *ç* [...]

O *tíl* é uma linha direita, lançada sobre as outras letras (Oliveira, 1975: [56])

3. As vogais nasais

O primeiro registro da existência de vogais nasais no português, se não for mesmo nas línguas românicas, como assinala Eugenio Coseriu (1975),³ aparece na *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira:

³ “[...] dass diese Identifizierung der Nasalvokale als einfacher Vokallaute eine besondere Leistung Oliveiras darstellt, denn dies ist das erste Mal, dass die Nasalvokale als solche in der Romania ‘entdeckt’ werden (und vielleicht auch das erste Mal überhaupt)”. (Coseriu, 1975: 73); na trad. port. (Coseriu, 1991: 23-4): “[...] E é importante assinalar que esta caracterização da vogal nasal como som vocálico simples representa uma notável contribuição de Oliveira, pois é a primeira vez que as vogais nasais são consideradas dessa forma na România (e talvez seja a primeira vez em geral)”.

[...] assim como fazemos de til nas vogais, quando também mudam sua voz. Digo que mudam a voz porque não é a mesma voz *vila* e *vilã*, mas o til que lhe pusemos muda a qualidade do *a*, de clara voz em escura, e meteu mais pelos narizes. Outro tanto nas vogais, como *e* e *ē*, *i* e *ī*, *o* e *ō*, *u* e *ū*, onde o til faz alguma coisa e tem poder algum, o qual sentem as orelhas, mas a boca o acha tão subtil, tomando-o por si só, que o não sabe formar, nem lhe dá nome natural, como diz Marciano Capella, que as outras letras têm, convem a saber, nome, conforme a sua natureza e pronúnciação. (Oliveira, 1975: [60-1]).

Fernão de Oliveira, ao indicar o quadro opositivo das vogais, orais e nasais, transcreve a vogal anterior alta nasal como *im* (Oliveira, 1975: [60]).

A *scripta* dos dois roteiros de Diogo Afonso – primeiro e segundo roteiros da *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia* (Telles, 1988; Telles, 1990) – como, aliás, a de todos os roteiros da *Coleção*, apresenta um caráter preponderantemente fonético e demonstra a relação grafemático-fonética de maneira clara e objetiva: poucos grafemas não mostram uma equivalência unívoca.⁴ Do que se pode depreender da excelente edição diplomático-interpretativa de Antônio Baião, a *scripta* do *Livro de rotear* (Baião, 1940: 209-40), de finais do século XV, é também de caráter fonetizante; o mesmo se pode afirmar da *scripta* dos textos em língua portuguesa do *Libro Vniversal de derrotas* de Manoel Gaspar.

⁴ Demonstra-se, nos dois trabalhos acima citados, as equivalências para as africadas [tʃ, ts e dz], para as fricativas apicais [ʃ e ʒ], para as fricativas palatais [ʃ e ʒ], para a lateral [l], para a vibrante alveolar múltipla [r], para a fricativa lábio-dental [v] e para as palatais [ñ e λ].

3.1 A *scripta* das vogais nasais

As vogais nasais mostram também uma variação gráfica: vogal com til (~) sobreposto; vogal, <j> ou <y>, seguida de <m> ou de <n>; til (~) sobreposto à vogal, seguido de <n> ou <m>. Excluindo-se a especificidade do uso dos grafemas <j> e <y>, para o fonema [i], são as vogais nasais grafadas de quatro maneiras; sendo mais freqüente a grafia **Ñ**; sendo a grafia **Ñ** + <m> ou <n> a menos usada.

Essas quatro maneiras foram utilizadas pelo piloto-autor para marcar a nasalidade nos textos dos roteiros de navegação examinados, formas de grafar não muito divergentes nos demais tipos de *scripta* coevos:

- vogal com til sobreposto: **Ñ**
- vogal seguida de <m>⁵
- vogal seguida de <n>
- **Ñ** seguido de <m> ou de <n>

O *Liuro de rotear* e os roteiros de Diogo Afonso apresentam as vogais nasais grafadas dessas quatro formas; nos roteiros de Vicente Rodrigues não foram encontrados registros da grafia **Ñ** + <m> ou <n>.

Ñ

Liuro de rotear.

auâte (297rº. 213: 30); **boõ** (296rº. 212: 33), **brâca** (296vº. 213: 19), **cõ** (292rº. 209: 5, 8, 10, 12, 13, 16, 18, 20; ... 297vº. 214: 8, 10, 12, 15, 16), **dyâte** (296rº. 213: 19), **ẽ** (296vº. 213: 21), **ẽmarraras** (292rº. 209: 6; 294vº. 214: 19), **gråde** (292rº. 209: 14, 21; 293rº. 210: 16; 296vº. 213: 15), **jazẽ** (294rº. 210:

⁵ Não se registram grafias de **Ñ** seguida de <m> ou de <n> nos textos da *Coleção de roteiros portugueses*; nessa mesma coletânea, o ditongo <ão> equivale a <ã>: **são** graduras.

36; 294v°. 211: 24; 295r°. 211: 32; 295v°. 212: 5, 9, 17, 18), **mõte** (297r°. 213: 24, 29_{pl}, 31_{pl}), **põta** (292r°. 209: 16, 20; ... 297v°. 214: 8_{2v}, 10_{2v}, 12, 20), **Sã**⁶ (293r°. 210: 8, 12, 34; ... 297r°. 214: 12; 297v°. 214: 19, 20), **tẽ** (292r°. 209: 14; 296r°. 213: 4; 297r°. 213: 27), **vẽto** (293r°. 210: 14);

Roteiros de Diogo Afonso:

abatimẽto (P, 41), **algũ** (P, 86_{pl}, 375), **algũas** (P, 253, 368), **antigamẽte** (P, 416), **bãda** (P, 424), **bẽ** (P, 114, 124), **cõ** (P, 16, 21, 30, 40, 42, 54 ... 328, 412, 435, 449), **coãto** (P, 346), **cõJumções** (P, 308), **comẽdo** (P, 86), **cõpridas** (P, 69), **cõforme** (P, 379, 413-4, 426), **conhesimẽto** (P, 454-5), **corrẽtes** (P, 114), **çorrẽ** (P, 21, 32, 227, 253, 260), **demãda** (P, 451), **demãdar** (P, 64, 94, 128, 297, 377, 386), **dẽtro** (P, 101), **laõçam** (P, 235), **luja** (P, 82), **mãdado** (P, 413), **paragẽ** (P, 43, 52, 107, 427), **segũdo** (P, 384), **tromẽta** (P, 57-8), **tormẽta** (P, 142), **Vẽtos** (P, 351), **viagẽ** (P, 456), **Viagẽ** (P, 264).

Roteiros de Vicente Rodrigues:

brãcos (89v°, 8), **cõprido** (88r°, 13), **grãdes** (88r°, 14-5), **lançarẽ** (88v°, 13), **leuẽ** (89v°, 11), **mõtuosa** (98v°, 4-5), **ordinariamẽte** (88v°, 4, 20), **ordinaryamẽte** (96v°, 1), **paragẽ** (97v°, 4), **vencẽdo** (87r°, 19-20).

V + <m>:

Liuro de rotear:

ambas (295r°. 212: 14), **amdar** (296r°. 212: 35), **amtre** (295r°. 212: 4; 296r°. 212: 35; 297r°. 213: 31), **bamda** (297v°. 214: 19), **cemto** (295r°. 211: 39), **em** (297r°. 213: 26), **emtrada** (296v°. 213: 10), **fromte** (292v°. 210: 2), **jazem** (295v°. 212: 12), **lomgo** (296v°. 213: 23), **pomta** (292v°. 209: 27; 296r°. 212: 39; 297r°. 213: 26), **Sam** (292v°. 210: 9, 10; ... 295v°. 212: 9), **sem** (296r°. 212: 35), **tem** (292r°. 209: 17, 21, 23, 25, 30, 32; 210: 5, 7; 296r°. 213: 13, 18, 19, 21).

⁶ Embora se trate da grafia do ditongo nasal [ãw].

Roteiros de Diogo Afonso:

amtre (P, 105, 207, 287, 296_{2v}, 325, 331, 334, 362), **a Ramcão** (P, 58), **asemta** (P, 123), **asim** (P, 227, 361), **atemta** (P, 387, 403), **avamte** (P, 61), **aVamte** (P, 92, 367), **aymda** (P143, 254), **bamda** (P, 210, 215, 220, 274, 275, 357, 383, 438), **bem** (P, 130, 295, 360), **bramcas** (P, 71-2), **bramcos** (P, 125-6, 145, 346, 392), **çem** (P, 208, 322), **çemto** (P, 401_{2v}, 322, 389), **çimco** (P, 47, 84, 247), **çimcoemta** (P, 250), **coamdo** (P, 23, 44, 46, 49, 65, 70... 381, 445, 446), **coamto** (P, 57, 146, 161, 191, 259, 341, 447), **com** (P, 365, 378, 411), **Com** (P, 279), **côJumções** (P, 308), **compridas** (P, 54), **comtra** (P, 260), **comtraste** (P, 313), **corremtes** (P, 252), **çorrem** (P, 226, 241), **deferemça** (P, 3, 431, 447, 452), **demtro** (P, 19, 99), **diamte** (P, 387_{2v}, 314), **diferemtes** (P, 434), **em** (P, 7, 26, 81 ... 390, 405, 419, 434), **Em** (P, 39, 47, 56 ... 376, 377, 450), **emgano** (P, 375), **Emcoamto** (P, 23), **emcoamto** (P, 394), **emtão** (P, 45), **emtrada** (P, 316), **emVernada** (P, 251), **fim** (P, 76, 253), **fumdo** (P, 276, 321, 395, 396, 397, 404), **gramdes** (P, 85), **Imferiores** (P, 309-10), **ymferior** (P, 310), **emfindos** (P, 178), **lamção** (P, 240, 243), **limpo** (P, 276), **lomgo** (P, 147, 255, 331, 333, 347), **oitemta** (P, 317), **omde** (P, 126, 216, 231, 235, 239, 310), **paraJem** (P, 307, 312), **ponemte** (P, 260_{pl}, 304-5), **pomta** (P, 215, 219, 226, 299, 317, 372), **quamdo** (P, 386), **quamtas** (P, 141-2), **quamto** (P, 303, 443), **quimze** (P, 187, 408), **satemta** (P, 317), **segumdo** (P, 251), **sem** (P, 179, 360), **Sem** (P, 242), **sempre** (P, 13, 319, 246), **setemta** (P, 11, 250), **simco** (P, 47), **sombra** (P, 120), **tamtas** (p, 342), **tamto** (P, 5, 96, 196, 225-6, 292, 311, 396, 424, 385), **Tamto** (P, 91, 333), **tempo** (P, 56_{pl}, 83, 294_{pl}), **trimta** (P, 80, 388) **Trimta** (P, 93, 109), **trombas** (P, 54, 65, 69, 400, 402), **uemto** (P, 277), **Vemtão** (P, 298), **vemtar** (P, 300), **ventos** (P, 30), **Vemto** (P, 24_{pl}, 40, 59_{pl}, 175_{pl}, 298_{pl}, 319_{pl}, 311), **Vimda** (P, 266), **vimte** (P, 347), **Vimte** (P, 273), **ymfmdas** (P, 141), **ymtemtos** (P, 414).

Roteiros de Vicente Rodrigues:

Bem (89r^o, 5), **bem** (97v^o, 24), **Bom** (88v^o, 4; 89r^o, 3; 97r^o, 3; 98v^o, 23), **bom** (96r^o, 4; 98r^o, 21; 99v^o.13, 15), **çem** (88r^o,

17; 98v°.12), **com** (87r°. 21), **Composto** (85r°. 5), **em** (86v°. 4; 88r°. 3, 18; 97r°. 12; 98v°. 8, 19; 99v°. 14; 99v°. 16), **pombas** (88r°. 16), **rrecompensando** (96v°. 4), **sam** (88v°. 16, 18; 89r°. 15), **sempre** (87r°. 9; 89v°. 11; 98r°. 7; 98v°. 23; 99r°. 1, 16; 99v°. 15), **tem** (98r°. 13; 98v°. 6), **tempo** (88v°. 23; 89r°. 7; 98v°. 23), **trombas** (88r°.18), **trompas** (88r°. 13), **vem** (99r°. 13).

V + <n>:

Liuro de rotear:

angra (296v°. 213; 18), **banda** (292r°. 209: 11, 17; 293r°. 210: 15, 16_{pl}; ... 297r°. 214; 1), **cinco** (296r°. 213: 3), **çinco** (293r°. 210: 23), **grande** (296v°. 213: 13), **poden** (293r°. 210: 15), **ponta** (292r°. 209: 18, 22).

Roteiros de Diogo Afonso: **aynda** (P, 234), **balrrauento** (P, 441), **banda** (P, 406), **coando** (P, 400), **corenta** (P, 366), **deferença** (P, 411-2), **demandar** (P, 5, 149, 240-1, 318), **dentro** (P, 102, 119), **diante** (P, 9, 10, 201, 393), **grande** (P, 81, 87_{pl}), **emfindos** (P, 178), **lançadas** (P, 413), **lança** (P, 457), **longe** (P, 156-7, 188), **longetude** (P, 42), **ponentes** (P. 80-1), **quanto** (P, 36), **tromenta** (P, 342), **Vento** (P, 261).

Roteiros de Vicente Rodrigues:

aconteçe (96v°. 8), **antão** (97v°. 10; 99v°. 15), **antes** (88r°. 5, 17; 97r°. 18; 98r°. 11; 99r°. 17; 99v°.11, 24), **antre** (96r°. 7; 99v°. 10), **asin** (89r°. 3; 89v°. 4; 99v°. 6), **aVante** (88v°. 23; 96v°. 17), **aynda** (96v°. 9; 98r°. 8; 99v°. 17), **Balrrauento** (87v°. 7), **balrrauento** (96v°. 20), **banda** (87r°. 2; 96r°. 12; 96v°. 5; 98v°. 5, 15; 99r°. 4), **ben** (86v°. 16; 87r°. 15; 87v°. 2; 89r°. 18; 97v°.16), **Ben** (99r°. 12), **bon** (86r°. 2; 86v°. 6, 10; 87r°. 6; 88v°. 7; 96r°. 16; 97r°. 10; 97v°. 7), **Bon** (86r°. 8, 11, 86v°. 15; 87r°. 8; 89v°. 13; 98r°. 3), **branca** (86v°. 2; 88v°. 1), **branco** (88r°. 19; 97r°. 20_{pl}), **Branços** (88r°. 24), **Cento** (98r°. 10), **çento** (99v°.23), **çinco** (87r°. 4; 96r°. 9; 99v°. 7), **çircunferença** (86r°. 7), **con** (88v°. 19; 96r°. 14; 98r°. 18; 99r°. 18; 99v°.17), **Conuenyente** (86v°.14), **corren**

(96r^o, 2), **correntes** (86v^o, 8), **deferença** (85r^o, 4; 96v^o, 3; 98r^o, 12; 86r^o, 5; 86r^o, 12), **Deferença** (98v^o, 3), **dentro** (88v^o, 15, 21; 89r^o, 1, 4, 7; 97r^o, 9), **diante** (88r^o, 6; 88v^o, 17; 96r^o, 9), **diferençóis** (89r^o, 19), **diferentes** (88v^o, 10), **donde** (89v^o.14) **duzentas** (98v^o, 10), **Duzentas** (99r^o, 19), **emmendar** (87r^o, 9), **en** (86v^o, 21; 87r^o, 2; 87r^o, 3, 4; ... 96v^o, 10; 97r^o, 1, 10; 97v^o, 3; 98r^o, 4; 98r^o, 16; 98v^o, 13, 19; 99v^o, 14_{zv}), **En** (87v^o, 1, 16; 96r^o, 18; 98v^o, 21; 86v^o, 3), **enmendar** (86v^o, 17), **entenais** (87v^o, 24; 88r^o, 14), **entendão** (97r^o, 7), **entenderão** (96v^o, 22), **entrar** (96v^o, 15), **fundo** (87v^o, 11; 88v^o, 10, 14, 15, 18; 97v^o, 15, 20), **gilauento** (96v^o, 18), **grandes** (97v^o, 12), **grandura** (99v^o, 3), **jndo** (87v^o, 3), **jnquietão** (97v^o, 13), **jnuerno** (87v^o, 21), **Julauento** (99r^o, 10), **Junto** (97r^o, 18), **leuantes** (97r^o, 13), **mayormente** (96v^o, 14), **onde** (86v^o, 23), **onze** (87r^o, 23), **ordinariamente** (98r^o, 10-11), **ordinaryamente** (97v^o, 1), **oriental** (86r^o, 1), **parajen** (87r^o, 11; 87v^o. 22; 88r^o. 4; 88v^o, 22; 89r^o, 17; 96r^o, 13; 98v^o, 19), **partindo** (99v^o, 16), **pintadas** (88r^o, 16), **poente** (97r^o, 14; 97v^o, 23-4), **ponente** (97v^o, 7), **ponta** (88v^o, 11_{pl}), **ponto** (89r^o, 16, 20; 96v^o, 22; 97v^o, 14_{pl}), **quando** (86v^o, 14), **quando** (87r^o, 19; 89v^o, 18; 98v^o, 7), **Redondo** (98v^o, 3), **rrecompensando** (96v^o, 4), **san** (89r^o, 1; 89v^o, 3, 14, 19, 21; 97r^o, 2, 6), **sancta** (98r^o, 7), **sangradura** (88r^o, 22-3), **segundo** (86r^o, 12), **sendo** (96r^o, 8), **sesenta** (98r^o, 15), **tanto** (86v^o, 18; 89v^o, 12; 96v^o, 17), **Tanto** (88r^o, 9), **ten** (86r^o, 5; 87v^o.23; 88r^o.13; 88v^o, 3), **Ten** (88r^o, 1), **tormentas** (97v^o, 12), **uento** (87r^o, 13), **Veinte** (88v^o, 21), **Vento** (86v^o, 13_{pl}, 17; 87r^o, 16; 87v^o, 4, 13, 15, 20_{pl}; 88v^o. 6_{pl}; ... 96r^o, 14_{pl}; 97v^o, 23_{pl}; 98v^o, 6, 20_{pl}, 24; 99r^o, 1_{pl}, 16; 99v^o, 7, 17), **vento** (87r^o, 8; 87v^o, 10; 96v^o, 6, 7, 9, 15_{pl}; 97r^o, 13; 97v^o, 9; 99v^o, 17) **ViaJen** (85r^o, 3; 87v^o, 2), **Vinte** (99v^o, 11), **Viren** (96r^o, 7).

Ũ + <m> ou <n>:

Liuro de rotear:

Sãm (295r^o. 211: 25).

Roteiros de Vicente Rodrigues:

Partindo (86r^o, 1; 96r^o. 2), **conueniente** (89r^o.7).

Entre as características fonéticas do português quatrocentista⁷ que vão ser conservados na *scripta* do século XVI, chama-se a atenção para os encontros vocálicos nasais (Huber, 1986: §117, 158b, 244C b 1, 257; Barbosa, 1983: 100-4; Teyssier, 1990: 40-1; Silva Neto, 1952: 412; Silva, 1991: 69-73):

Sabe q̄ na traessa do Cabo Verde pera as ylhas dos Açores he menos do q̄ fazê todas as cartas pello qual pera hyres bõo marinheyro te cõpre q̄ sempre des mais singradura do q̄ ho naujo amda a teu pareçer. (VF, p. 230, L. 29-31)

E por cima deste cabo estã huã lombada *chaã*. (VF, p. 226, L. 36-7)

Sabe q este cabo *teẽ* barreyras vermelhas. (VF, p. 216, L. 3)

Sabe q̄ a ylha pequena e a grãde esta huũ espalmadoyro e nõ *teẽs* hy agoa pera tomar. (VF, p. 218, L. 36-7)

Notam-se, ainda, grafias em que se observam a variação entre formas com hiato e a sua redução:

E por cima deste cabo estã huã lombada *chaã*. (VF, p. 226, L. 36-7)

Sabe q̄ a Lagea tem estes synae[s] huã Lagea *cham* no mar e de frõte della na terra firme esta huũ morro de pedras e aly he o ryo da Lagea. (VF, p. 221, L. 32-3)

⁷ Por outro lado, a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo de *ser* (*seer*) acha-se grafada *som* ~ *sõ* ou *sam* e a segunda pessoa do imperativo presente de *por* (*poer*) é grafada *pom*: “Estas tres pôtas *som* huãs pôtas agudas ao mar e a pôta da metade he mais alta q̄ as outras e tem huã bayxa ao mar huũ tyro de bombarda [...]” (VF, p. 224, L. 11-3); “Sabe q̄ as marees de Guynce *sõ* estas .s. Serra Lyoa ao nordeste e susudueste preamar.” (VF, p. 229, L. 27-8); “Do cabo Fremoso fazem de dêtro nas abras huãs pôtas q̄ pareçẽ ylhas e nõ ho *sam*.” (VF, p. 229, L. 19-20); “Sabe q̄ se fores çarraçã e nõ vires a terra da bamda do sueste *pom* te em mea boroa e leua a proa em leste e a quarta de sueste e emtra seguro q̄ nõ tẽes nenhuũ bayxo [...]” (VF, p. 228, L. 9-11). As formas *som* e *pom* desapareceram da *scripta* dos textos quinhentistas.

A *scripta* mantendo os encontros vocálicos ainda é documentada no texto da *Coleção de roteiros portugueses da 'Carreira da Índia'*:

E tem dous portos muito boôs pera surgir todas as naos do mūdo. (CRP, 952)

E indo por fora podes ir demādar a terra nos 15 graos e meo atę os 16, que não težis baixa nenhũa atę dar em tērra. (CRP, 972)

Neste caminho te <h>as de goardar q(ue) não andes di noite, porq(ue) teës 12 lęoas das pōrtas aos Baixos de Santo Ant(oni)o, em q(ue) deu Di(og)lo Lōpez de Siqueira, e assi queimaram a nao, q(ue) a não puderam tirar. (CRP, 461)

...porq(ue) o caminho q(ue) fazes ę de leste oęste e não podes saber quanto arredado deļas estas, como digo que veës de leste oęste, oļha a'gulha e quando te norestear hũa quarta es 120 lęoas ou 130. (CRP, 444)

mas não mais no final do século.

4. As consoantes africadas

Se se remonta à teoria gramatical dos quinhentos, vê-se que os gramáticos quinhentistas apresentaram excelentes descrições da articulação dos fonemas, como é o caso para as africadas.

A descrição feita por Fernão de Oliveira (1975: [57]) não traz muitos elementos:

Das consoantes, temos três aspiradas para as quais, posto que não temos próprias figuras mais que só aspiração com elas misturadas, todavia, as vozes são bem assinadas por si e diferentes das outras não aspiradas. São estas as letras: *ch*, *lh*, *nh*. (Buescu, 1975: [133], n. 40).

Comparada com a descrição de Duarte Nunes do Leão, verifica-se que se trata de realizações africadas,⁸ e a comparação com os fonemas do italiano não deixa dúvida (1983a):

Outro ofício têm o *c* emprestado, quando depois dela se segue *h* e *lh* damos diferente pronúnciação do *c* aspirado dos Gregos, como nestas dicções: *chamar, chiar, chorar, chupar*. A qual pronúnciação tão própria é da língua espanhola que nem os Gregos, nem os Latinos, Hebreus ou Árabes a tiveram, posto que os Italianos a pareçam imitar na pronúnciação do seu *ce, ci*.

Isto, quanto à africada palatal surda [ts̥]. No que tange às africadas alveo-dentais, as descrições das suas articulações são mais precisas. O mesmo Fernão de Oliveira explica a realização de [ts̥]:

c pronuncia-se dobrando a língua sobre os dentes queixais, fazendo um certo lombo no meio dela diante do papo, quase chegando com esse lombo da língua ao céu da boca e impedindo o espírito, o qual por força faça apartar a língua e faces e quebre nos beiços com ímpeto. [...]

Esta letra *c* com outro *c* debaixo de si virado para trás, nesta forma ç, tem a mesma pronúnciação que *z*, senão que aberta mais a língua nos dentes (Oliveira, 1975: [54], [56]).

⁸ Eugenio Coseriu (1975: 74-5) informa: “*Die Palatalkonsonanten – und dies ist einer der wenigen Fälle, in denen er sich von der Graphie irreführen lässt – nennt Oliveira wegen der Schreibung mit h (ch, lh, nh) ‘letras aspiradas’ (14). Er kommt jedoch darauf zurück und stellt fest, dass diese Laute keine Nexus, sondern einfache Konsonanten sind, die deshalb auch getrennte einfache ‘figuras’ benötigen würden, und dass es sich dabei eigentlich um Aspiration, sondern um eine ‘mudança’ (Modifizierung) handelt, die er aber nicht näher zu bestimmen vermag*”. Na tradução portuguesa: “Por causa da presença da letra *h* (*ch, lh, nh*), Oliveira chama as palatais de *letras aspiradas* (14) – e este é um dos poucos casos em que se deixa enganar pela grafia. Mas ele volta ao assunto e assinala que estes sons não são “grupos” mas consoantes simples que, por isto mesmo, necessitariam de *figuras* próprias simples e que se trata, na realidade, não de aspiração mas de uma “mudança”, a qual, entretanto, ele não chega a definir exatamente”. (1991: 25).

João de Barros assinala que o ç fica “ceçado, a maneira dos ciganos”, acreditando ser o fonema de proveniência mourisca (Barros, 1971: 380-1). Por sua vez, Duarte Nunes do Leão atribui também uma origem moura ao fonema, mas diz que o ç faz “uma espécie de z”, recomendando que não se deve grafar ç diante das vogais mediais (Leão, 1983a: 55-6).

Para a correspondente sonora, Fernão de Oliveira, Pero de Magalhães de Gândavo e Duarte Nunes do Leão descrevem a articulação:

A pronunçiação do z *zine* entre os dentes cerrados, com a língua chegada a eles e os beiços apartados um do outro. E é nossa própria letra. (Oliveira, 1975: [55])

Quanto esta letra z, composerão os Gregos de duas letras, conuem a saber, do s, e do d, et assi a pronunçiação della não he outra cousa., senão a de hum s, carregado por respecto daquelle d, que lhe formão diante, o qual d, não deixa soltar a lingua tão liurementemente como quando o mesmo s, per si se pronuncia. (Gândavo, 1981: 14).

Z não é u)a só letra, mas abreviação ou figura de duas letras, como o x, porque se compreendem nesta figura *sd*, porque assim pronunciavam os Gregos e Latinos, *Zacynthos*, como se escrevessem *Sdacynthos*. E a mesma pronunçiação tem *Ezrás*, que *Esdrás*. Mas, com o tempo, perdeu-se a própria pronunçiação desta letra, que os Antigos lhe davam, e damos-lha agora por u)a maneira, que soa entre s e ç. [...]

...se há-de notar, que por esta letra em si ser dobrada na escritura, pelo que é grande abuso o dos Italianos, os quais todas as vezes que o z vem entre duas vogais, o dobram e dizem *vaghezza*, *bellezza*, *doloezza*. O que não pode ser, porque os dois zz têm força de quatro consoantes, que não têm vogais, a que vão atadas. Salvo se disserem, que esta letra perdeu a própria pronunçiação antiga das letras dobradas e que agora é uma espécie de s que dobrado vem dar nosso ç. (Leão, 1983a: 81-2).

4.1 A *scripta* das africadas

O levantamento sistemático dos registros do primeiro roteiro do *Liuro de rotear* (Biblioteca do Estado, Munique, *Cod. Hisp.* 27, datado de 1463⁹) apontou resultados significativos para a relação grafemática na *scripta* das africadas.

É sobretudo no que tange às consoantes que a *scripta* do texto dos *Roteiros de Diogo Afonso* – assim como os demais roteiros da *Coleção de roteiros portugueses da 'Carreira da Índia'* – tem valor expressivo, em especial para a classe das africadas e das fricativas. São relevantes os percentuais de registro das africadas nos textos dos finais do século XV e da primeira metade do século XVI, como já foi demonstrado anteriormente (Telles, 1988: v. 1, 25-8; Telles, 1990).

O exame grafemático-fonético dos *Roteiros da Carreira da Índia de Vicente Rodrigues* (Telles, 1995: 264-5; Telles, 1996: 51-2) – o nono e o décimo roteiro do *Libro Universal de derrotas, alturas, longitudes e conhecenças...*, compilado por Manoel Gaspar (1594: 85r^o-99v^o), códice 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa,¹⁰ datado de 1594 (Costa, 1960: 324)– mostra também o caráter essencialmente fonético da grafia dos textos. A *scripta* tem valor expressivo, sobretudo no que tange às consoantes, especialmente para a classe das africadas.

No *Liuro de rotear* nota-se uma relação únivoca para a grafia da africada palatal surda:

<ch> eq. [tʃ]:

achar (296v^o. 213:13¹¹); **acharas** (297r^o. 213: 29, 32, 34, 36, 38-39); **achares** (296v^o. 213: 20); **chamã** (293r^o. 210: 20);

⁹ Lê-se no f^o. 349r^o., ao final do texto: “*Esto foy año de Christo 1463*”, o que parece indicar uma datação exata para o original dos roteiros: 1463. (Cf. id., *ibid.*, p. 240).

¹⁰ Cópia xerográfica que nos foi cedida pelo Comandante Max Justo Guedes.

¹¹ Remete-se para o fôlio do manuscrito, em seguida para a página e a linha da edição de António Baião.

chegua (293rº. 210:19), **chegues** (296rº. 213:3; 296vº. 20);
concha (293rº. 210: 22; 297rº. 213: 33_{pl}, 39_{pl});

por seu lado, a africada álveo-dental apresenta a relação de dois grafemas para um fonema:

<c> eq. [ts]:

acima (297rº. 213: 25); **arecyfe** (296vº. 213: 23), **arecyffe** (297rº. 213: 30), **arecife** (296rº. 213: 4; 296vº. 15); **cem** (294vº. 211: 19); **cemto** (295rº. 211: 39); **cima** (297rº. 213: 26) **cinco** (296rº. 213: 3); **conhecêça** (293rº. 210: 14); **conhecerc** (296vº. 213: 17); **cyma** (296vº. 213: 21; 297rº. 24); **sobrancelha** (296vº. 213: 18);

<ç> eq. [ts]:

braças (297rº. 213: 33, 34, 35, 38); **Çerto** (293rº. 210 18);
çinco (293rº. 210: 23; 297vº. 214: 17); **conhecêça** (293rº. 210: 14); **pareçe** (296vº. 213: 22; 297rº. 25).

Para a grafia da africada palatal surda (Telles, 1988: v. 1, 25-8; Telles, 1990), os *Roteiros de Diogo Afonso* apresentam uma equivalência unívoca:

<çh> eq. [tʃ]:

açharas (P, 49), **açhega** (P, 120), **çhamara** (P, 287), **çhuiva** (P, 313)

enquanto para a africada alveo-dental surda se nota a relação de três grafemas para um fonema:

<s> eq. [ts]:

acomteser (P, 439¹²), **aqueza** (P, 82), **aqueser** (P, 28),
conhesimêto (P, 454-5) **paresa** (P, 440-1), **serto** (P, 98), **sima** (P. 59,312), **simco** (P, 47, 80),

¹² Indica-se o registro do manuscrito (P), citando-se a linha da edição crítica (como se pode observar no aparato crítico).

<S> eq. [ts]:

aSima (P, 24)

<ç> eq. [ts]:

açima (P, 214), braças (P, 163), çargaço (P, 430), çedo (P, 368), celestes (P, 308-9), çemto (P, 389), çento (P, 401_{2v}), çerto (P, 118), çimco (P, 47, 84, 247), çimcoemta (P, 250), çinqoenta (P, 401), cõJumções (P, 308), deferemça (P, 43, 431, 447, 452), deferença (P, 11), força (P, 376), graça (P, 315), laõçam (P, 235), nauegação (P, 2), nauegação (P, 262, 20), naueguações (P, 166), neçesario (P, 114), sargaço (P, 53), terço (P, 289-90), terços (P, 431, 52).

O exame grafemático-fonético dos *Roteiros da Carreira da Índia Oriental*, em especial aqueles de Vicente Rodrigues (Telles, 1995: 264-5; Telles, 1996: 51-2) mostra uma equivalência unívoca para a africada palatal surda:

<ch> eq. [tʃ]:

achão (85r^o., 3¹³), achara (86r^o., 1), chamão (88r^o., 11), chans (90r^o., 14), chegando (87v^o., 8), chegar (88r^o., 5), cheos (90r^o., 13), choue (98v^o., 7), chuua (99r^o., 4_{pl}; 97v^o., 8, 17-8), chuveiros (96r^o., 14);

encontrando-se a relação de dois grafemas para um fonema, para a africada alveo-dental surda:

<c> eq. [ts]:

acyma (87r^o., 19; 87v^o., 14, 89r^o., 18), cem (88r^o., 17), cinco (99v^o., 7), conhecer (88r^o., 22), cynqo (93v^o., 2), necesario (99r^o., 3), vencêdo (87r^o., 19-20);

<ç> eq. [ts]:

¹³ Indicam-se o fôlio do manuscrito e a linha onde se acha o registro da forma.

aconteçe (96vº., 8), **acôteçe** (93rº., 3), **amaçada** (88vº., 9), **apareçê** (91rº., 13), **braças** (88vº., 14; 91vº., 1; 93vº., 6), **ca-beça** (89vº., 19), **çedo** (88vº., 13), **çento** (99vº., 23), **çerca** (90rº., 7), **çerta** (88rº., 3; 97vº., 1), **çertas** (89vº., 10), **çerto** (96vº., 23; 98rº., 5), **çima** (99rº., 7), **çinço** (90vº., 13; 96rº., 9), **começão** (96rº., 14), **Começarão** (98vº., 16-7), **deferença** (85vº., 5, 12; 96vº., 3), **Deferença** (98vº., 3), **deferenças** (85rº., 4), **diferêça** (92rº., 3), **diferenções** (89rº., 19), **faça** (98vº., 1), **façil** (97vº., 11), **ffaçil** (89vº., 5), **março** (97vº., 3), **pareça** (98rº., 9), **parecem** (90rº., 14), **sargaço** (92vº., 18; 96rº., 13), **sargaços** (88rº., 11), **terços** (85vº., 6; 93rº., 1).

Quanto à africada álveo-dental sonora documenta-se apenas uma relação unívoca em todos os roteiros analisados:

<z> eq. [dz]:

Liuro de rotear

jaz (292rº., 209:12); **jazê** (295vº., 212: 9), **Alcatrazes** (300rº., 216: 35), **faz** (311vº., 228:15)

Roteiros de Diogo Afonso

bozina (P, 70), **dezoito** (P, 52), **fazes** (P, 443), **quatorze** (P, 328), **quinze** (P, 408), **rezão** (P, 1126), **traze** (P, 81), **treze** (P, 355)

Roteiros de Vicente Rodrigues

dez (86rº., 10), **doze** (86rº., 10), **faz** (86rº., 12), **treze** (86rº., 14), **alcatrazes** (88vº., 10), **vez** (89rº., 13), **Vaza** (91vº., 7), **Vezez** (91vº., 14)

Desse modo, as africadas mostram as equivalências seguintes:

- <çh> equivale a [tʃ];
- <s>, <S> e <ç>, a [ts];
- <z>, a [dz].

3. Conclusão

As relações grafemático-fonéticas nem sempre são de equivalência unívoca, notando-se, entretanto, algumas diferenças ao serem comparadas às *scriptas* cronologicamente diferenciadas dos roteiros.

O *Liuro de rotear*¹⁴ mostra uma grafia onde <ch> equivale a [tʃ] e <c> e <ç>, a [ts]; quanto às vogais nasais, registram-se as quatro formas de grafá-las: \tilde{V} , $V + \langle m \rangle$, $V + \langle n \rangle$, $\tilde{V} + \langle m \rangle$ ou $\langle n \rangle$, notando-se uma maior incidência na grafia \tilde{V} . Nos *Roteiros de Diogo Afonso* <ch> equivale a [tʃ], enquanto <s >, <S > e <ç > equivalem a [ts]; para as vogais nasais a *scripta* registra três formas apenas: \tilde{V} , $V + \langle m \rangle$ e $V + \langle n \rangle$, observando-se um maior índice no uso da grafia $V + \langle m \rangle$. Na última série de roteiros, os de Vicente Rodrigues, no *Libro Vniversal de derrotas* de Manoel Gaspar, já não mais se observa o uso do <ç> para a grafia do [tʃ], <ch> eq. [tʃ], enquanto se verifica que <c> e <ç> equivalem a [ts]; a grafia das vogais nasais é feita segundo os quatro padrões analisados: \tilde{V} , $V + \langle m \rangle$, $V + \langle n \rangle$, $\tilde{V} + \langle m \rangle$ ou $\langle n \rangle$, havendo uma freqüência maior na grafia $V + \langle n \rangle$.

Verifica-se que o resultado de textos datados de fins do século XV e da primeira metade do século XVI não é muito diferenciado. Como se pode observar, a *scripta* do texto tem valor expressivo, tanto no que tange às consoantes africadas, como no que concerne às vogais nasais.

Tudo isso ratifica duas observações pertinentes (Telles, 1988; v. 1, 186-7) para o estudo dos textos ao nível fonético:

1. sistema de africadas [tʃ, ts, dz] ainda era a norma na língua, fato comprovado pelos gramáticos quinhentistas,¹⁵ nos

¹⁴ Em que pesem os critérios adotados na edição diplomático-interpretativa.

¹⁵ Cf. Do que se pode depreender da *Ortografia da língua portuguesa*, de Duarte Nunes do Leão, não existe correspondente sonoro para [tʃ] (Leão, 1983a: 61-3.). Vale lembrar que os fonemas palatais ([tʃ], [λ] e [ɲ]) são sempre grafados com <h>.

Roteiros de Diogo Afonso, enquanto os *Roteiros da Carreira da Índia de Vicente Rodrigues* parecem apontar para o desaparecimento da africada palatal surda;

2. Tanto nos roteiros de Diogo Afonso, como nos de Vicente Rodrigues, o sistema das vogais nasais acha-se definido, característica confirmada por Fernão de Oliveira (1975: 41), registrando-se apenas uma variação na sua grafia. Em finais do século XV, nota-se uma utilização mais significativa da grafia **Ũ**; na primeira metade do século XVI, a de **V** + **<m>**; ao final do século XVI, a preferência recai em **V** + **<n>**.

Em resumo, o fato grafemático mais relevante entre as duas coleções de roteiros, distanciados cerca de cinqüenta anos, é a *scripta* da africada palatal surda, não marcada pelo **<ç>**, o que parece apontar para a redução do sistema das consoantes africadas. Enfim, esta mesma *scripta* dos textos já permite que – em finais do século XVI – se observem tanto a consolidação do sistema das vogais nasais como as mudanças que atingiram o sistema consonântico.

RÉSUMÉ: *En ce qui concerne la relation entre l'étude des changements linguistiques et l'édition non modernisée des textes, on va montrer jusqu'à quel point une leçon conservatrice permet observer dans les textes une scripta phonétizante des éléments qui mènent à l'analyse phonétique-phonologique de la langue du texte. On va diriger l'examen sur des textes non littéraires écrites en langue portugaise du seizième siècle. La scripta des textes de la littérature de voyages présente un caractère avec des marques phonétiques évidentes, et peut, par là même, donner des traits concernant à la relation graphématique-phonétique d'une façon nette et objective. C'est à partir des données de la scripta des routiers de la Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia (ms. FP 56 de la BNP) qu'on a examiné la scripta des autres textes de la littérature de voyages. Deux classes de phonèmes servent à*

documenter ce qu'on veut prouver: la série des voyelles nasales et la série des consonnes afriquées. D'autre part, dans les textes de la fin du XVI^e siècle la scripta permet déjà qu'on observe la consolidation du système des voyelles nasales et aussi les changements du système consonantique. On va vérifier que le résultat concernant les textes de la fin du XV^e siècle et de la première moitié du XVI^e siècle ne sont pas différents.

MOTS-CLÉ: *Portugais du XVI^e siècle; analyse graphématique-phonétique; littérature de voyages.*

BIBLIOGRAFIA

- BALÃO, A. (Ed.) (1940) *O manuscrito "Valentim Fernandes"*; oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde. Lisboa: Academia Portuguesa de Historia. p. 209-40. Leitura e revisão das provas por António Baião. Códice da Biblioteca do Estado, Munique, *Cod. Hisp. 27*, datado de 1463.
- BARBOSA, J. M. (1983) *Études de phonologie portugaise*, 2. éd. Évora: Univ. de Évora.
- BARROS, J. de. (1971) *Gramática da língua portuguesa*. Gramática da linguagem portuguesa; Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha. Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Ed. de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- BOLÉO, M. de P. (1946) *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal.
- BUESCU, M. L. C. (1975) *Introdução*. In: OLIVEIRA, F. de (1975) *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Introd., leit. actual. e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- CASTRO, I. de. (1988) *Introdução*. In: NUNES, I. F. (Ed.) (1988) *A demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Ed. de Joseph Maria Piel, concl. por. Irene Freire Nunes.
- CASTRO, M. H. L. de et al. (1973) Normas de transcrição para textos medievais portugueses. *Boletim de Filologia*. Lisboa, v. 22, n. 3-4.
- CINTRA, L. F. L. (1984) *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo – seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria,*

- Cáceres e Usagre; contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Reprod. fac-similada da 1. ed., das Publicações do Centro de Estudos Filológicos, em 1959.
- COSERIU, E. (1975) 'Taal en functionaliteit' bei Fernão de Oliveira. In: ABRAHAM, W. (Ed.) *Ut videam*; contributions to an understanding of linguistics. Lisse (Netherlands): Peter de Ridder.
- _____. (1991) *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)*. Trad. de Maria Christina de Motta Maia, cuidadosamente rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Presença.
- COSTA, A. F. da. (1960) *A marinharia dos descobrimentos*, 3. ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- GAMA, N. V. da & TELLES, C. M. (1973) *Uma contribuição ao estudo do "Tratado de cozinha portuguesa" (mss. I-E-33 da B.N.N.)*. Salvador: DLR/IL/UFBA.
- GÂNDAVO, P. de M. de. (1981) *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*; com o dialogo que adiante se segue em defesa da mesma língua. Lisboa: BN. Ed. fac-similada da 1. ed. Introd. de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- GASPAR, M. L. (1594) *Vniversal De Derrotas, alturas, Longetudes, e Conheçenças, De todas as, nauegaçois, Destes Reinos, De Portugal, e castela, Indias Orientais e occidentais...* lix(bo)a.
- GOMES FILHO, A. (Ed.) (1963) *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV*. Rio de Janeiro: MEC/INL.
- HUBER, J. (1986) *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- JIMÉNEZ PATÓN, B. (1965) *Epítome de la ortografía latina y castellana. Instituciones de la Gramática española*. Madrid: CSIC. Est. y ed. de Antonio Quilis y Juan Manuel Rozas.
- LEÃO, D. N. do. (1983a) *Ortografia da língua portuguesa reduzida a Arte e preceitos*. In: *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: IN/CM. Introd., notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- _____. (1983b) *Origem da língua portuguesa*. In: *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: IN/CM. Introd., notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- MANUPELLA, G. (Ed.) (1986) *O 'Livro de cozinha' da Infanta D. Maria de Portugal*; primeira edição integral do códice português I.E.33 da Biblioteca

- Nacional de Nápoles. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Reprod. da edição preparada pela Univ. de Coimbra, em 1967.
- NEBRİJA, E. A. de. (1992) *Gramática castellana*. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija. Introd. y notas de Miguel Ángel Esparza e Ramón Sarmiento.
- NUNES, I. F. (Ed.) (1988) *A demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Ed. de Joseph Maria Piel, concl. por. Irene Freire Nunes. Introd. de Ivo de Castro.
- OLIVEIRA, F. de. (1975) *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Introd., leit. actual. e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- PIEL, J. M. (Ed.) (1942) *Leal Conselheiro*. Lisboa: Bertrand.
- _____. (Ed.) (1986) *Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sela*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- RÉVAH, I. S. (1983) Introdução. In: BARROS, J. de. *Ropica Pnefma*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SILVA NETO, S. da. (1947) Introdução. In: RESENDE, A. de. *A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro*; porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora. Rio de Janeiro: Dois Mundos.
- _____. (1952) *História da língua portuguêsã*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- _____. (1956) *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa.
- _____. (1957) *Manual de Filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- SILVA, R. V. M. e. (1991) *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, Salvador: Editora da UFBA.
- TAVANI, G. (1988a) Le texte: son importance, son intangibilité. In: SEGALA, A. (Ed.) *Litterature latino-américaine et des Caraïbes du XX siècle; theorie et pratique de l'edition critique*. Roma: Bulzoni.
- _____. (1988b). Teoría y metodología de la edición crítica. In: SEGALA, A. (Ed.) *Litterature latino-américaine et des Caraïbes du XX siècle; theorie et pratique de l'edition critique*. Roma: Bulzoni.
- TELLES, C. M. (1988) *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI; edição do manuscrito FP56 da BNP*. São Paulo: USP. 3 v. Orient. por Edith P. Pinto.

- _____. (1990) A realidade grafemático-fonética nos roteiros de Diogo Afonso (século XVI). *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 10, p. 115-33, dez.
- _____. (1995) A edição de um manuscrito bilíngüe espanhol/português. In: *IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições; Gênese e Memória*. São Paulo: Annablume/APML.
- _____. (1996) A evolução da estrutura dos roteiros de navegação. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis; Facultas Philosophica Philologica* 69, *Romanica Olomucensia* VI, Olomouc.
- TEYSSIER, P. (1990) *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 4. ed. Lisboa: Sá da Costa.
- VALDES, J. de. (1972) *Dialogo de la lengua*. Barcelona: Bruguera. Ed., est. prel. y bibl. sel. por Antonio Comas.
- VILLALÓN, [Cristóbal de]. (1971) *Gramática castellana*. Madrid: CSIC. Ed. facsimilar y est. de Constantino García.